

ANÁLISE DO DISCURSO E GRAMÁTICA: UMA APRECIÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

André Luiz Gaspari Madureira*

Resumo: Neste trabalho se objetiva apresentar resultados do projeto de pesquisa intitulado “Análise discursiva de livros didáticos de Língua Portuguesa”, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia – UNEB –, tomando-se por recorte atividades de linguagem e gramática propostas em um livro didático de Língua Portuguesa do Nível Fundamental II, distribuído na rede pública de ensino. A pesquisa se justifica pela necessidade de serem avaliados certos princípios norteadores do trabalho de texto e gramática que vem se realizando na Educação Básica. Já que o livro didático se constitui enquanto um material de apoio didático-pedagógico para as aulas de Língua Portuguesa, emerge a necessidade de ser periodicamente analisado, de modo a permitir que o professor da Educação Básica tenha um suporte eficaz para o desenvolvimento de atividades nas quais o texto, o discurso e a gramática sejam abordados de forma integrada. Essa integração visa possibilitar que as atividades de linguagem tornem-se significativas ao estudante, na medida em que se abre espaço para a reflexão de questões textuais e normativas, relacionando-as ao discurso. Nesse sentido, procura-se evidenciar as potencialidades dos procedimentos didáticos que o material em tela apresenta, e também as insuficiências, como forma de propor adequações para o estabelecimento da postura reflexiva relacionada aos aspectos textuais e discursivos. Por base teórica para a efetivação da pesquisa, instituiu-se a análise do discurso de linha francesa (doravante AD), fundamentada pelo filósofo Michel Pêcheux. Diante dessa perspectiva, são mobilizados os conceitos de sujeito do discurso (ou forma-sujeito), condições de produção, além da concepção de não transparência da linguagem. Tais pressupostos se apresentam a partir de deslocamentos conceituais, em meio a um processo de (re)significação propício a ser remetido a uma mudança de perspectiva eminentemente normatizada para a inserção da heterogeneidade em sala de aula. Diante desse viés, pretende-se mobilizar os referentes princípios do arcabouço teórico da AD para proporcionar uma reflexão acerca da perspectiva didática materializada no livro didático.

Palavras-chave: Análise do discurso. Ensino. Gramática. Língua portuguesa. Livro didático.

INTRODUÇÃO

O trabalho de leitura e gramática em sala de aula muitas vezes se pauta, por um lado, na visão subjetivista que toma o sujeito como a fonte do dizer e, por outro, na abordagem normativa da gramática. Isso causa ao professor ao menos respectivamente duas implicações: a necessidade de descobrir a intenção do autor e a prática descontextualizada de análise da gramática.

* Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Professor Assistente - Doutor de Letras/Linguística na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVI - onde coordena o subprojeto do PIBID Interdisciplinar da região de Irecê - e Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Campus I. É pesquisador do Grupo de Estudos em Língua, Linguagem e Cultura.

Como forma de tornar o ensino de Língua Portuguesa mais reflexivo (e, por isso, mais produtivo), muitos livros didáticos têm incorporado textos não somente canônicos, mas que permeiam vários ambientes da sociedade. Essa diversificação de textos indica uma tendência contemporânea em se substituir a abordagem descontextualizada, centrada na subjetividade do indivíduo, por uma postura científica da linguagem que toma o texto não como um produto acabado, mas em sua condição dialógica de constituição de sentido(s), a qual abarca o leitor como um dos elementos centrais, ativos, desse processo de significação.

Apesar disso, a forma de abordagem desses textos, ainda que, em alguns momentos, sinalize para uma mudança de perspectiva, tem se voltado à prática antiga de abordagem. O resultado disso recai sobre o trabalho do professor em sala de aula, já que o texto passa a ser tido apenas como um pretexto para se buscar a intenção do autor e para se trabalhar a gramática pelo viés normativo. Dessa forma, perde-se a possibilidade de imprimir um teor dialógico na prática de leitura e de análise da gramática, deixa-se de explorar a postura crítica do aluno perante o texto.

Para retomar a discussão acerca de como serem identificadas insuficiências e/ou potencialidades em atividades presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa, neste artigo são apresentados resultados do projeto de pesquisa intitulado “Análise discursiva de livros didáticos de Língua Portuguesa”, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XVI. Como aporte teórico, tem-se a Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada por M. Pêcheux. O propósito é o de buscar, mediante uma apreciação discursiva, meios para se conseguir identificar tais questões de modo a possibilitar a adequação das atividades em prol da formação crítica do aluno no processo de leitura e apreciação da gramática.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

A opção pela AD é justificada diante da propriedade que essa perspectiva apresenta em operar segundo as materialidades discursivas, buscando um certo distanciamento da subjetividade. Não é à toa que a proposta da AD pêcheutiana é de se constituir enquanto uma teoria não subjetivista da subjetividade. Nessa proposta, os efeitos de sentido surgem não propriamente como produto da subjetividade do sujeito, mas como um efeito social, histórico, ideológico.

Os dizeres passam a existir diante das condições de produção em que se desenvolvem. Nessa dinâmica, o sujeito do discurso (ou forma-sujeito) se distingue do indivíduo, na medida em que o primeiro diz respeito ao lugar social de onde emana o dizer, mediante uma interpelação ideológica, como explica Orlandi (2003, p. 46):

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos.

Desse modo, através de um assujeitamento ideológico, o indivíduo passa a ser interpelado em sujeito, inscrevendo-se no contexto sócio-histórico. Essa inscrição, porém, passa a ser dissimulada pela impressão de transparência da linguagem, encobrando, assim, a história, a ideologia para que o jogo discursivo do qual emergem os efeitos de sentido possa acontecer. O efeito metafórico da linguagem, o qual estabelece “o modo como as palavras significam” (ORLANDI, 2003, p. 44), encontra assentamento provisório nas Formações Discursivas (FD's), cujo papel é o de regular os dizeres, visto que determinam “o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 166).

Nessa conjuntura, a abordagem do dizer leva em consideração as relações sócio-históricas relacionadas ao lugar social em que a linguagem, lugar de materialização do discurso, também é materializada. As intenções do indivíduo se constituem como subjetividades imersas em uma cadeia idealista de estabelecimento de sentidos. Na AD, as condições sociais, históricas, ideológicas que circundam o indivíduo – e não a sua subjetividade – servem de base para compreender as FD's às quais as posições de sujeito remetem. Nas palavras de Malmidier (2003, p. 22), “Michel Pêcheux constitui o *discurso* como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas”. Tais posições podem nem coincidir com as intenções do indivíduo, já que a linguagem é sujeita a falhas, dada sua incompletude. O que interessa ao estudo discursivo é investigar

como os efeitos de sentido – que se aproximam ou não das intenções do indivíduo, mas que emanam na sociedade – passam a existir.

Para a atividade de compreensão textual, substituir a observação das intenções do indivíduo pela identificação de efeitos de sentido possíveis propicia uma mudança de perspectiva que coloca o aluno, junto ao texto, na condição ativa do processo dialógico de leitura. Deixa-se de buscar o sentido pretendido pelo autor (busca muitas vezes utópica!) para identificar os efeitos de sentido possíveis, a partir do estudo de suas ancoragens, das materialidades discursivas que referendam determinados planos de significação. No jogo da linguagem, mesmo a significação não pretendida pelo indivíduo pode ser fundamental para a existência de um efeito de sentido. A instabilidade entre a paráfrase e a polissemia, na qual se insere o Outro, torna-se a base da interdiscursividade, da relação entre discursos, do deslizamento de sentidos.

Na apreciação de atividades de Língua Portuguesa, a AD fornece, portanto, a possibilidade de conceber materialidades que se encontram no jogo interdiscursivo de constituição significativa. Desse modo, não se torna preciso elucubrar acerca da intenção do autor, numa atitude passiva de abordagem, e sim percorrer materialidades discursivas que ajudam a explicar como os efeitos de sentido são passíveis de se instaurar no dizer, proporcionando, desse modo, uma abordagem dialógica, ativa, que coloca o aluno como partícipe do processo de construção desses efeitos.

2 O DISCURSO NO LIVRO DIDÁTICO

Para desenvolver a análise enfocando a relação entre texto e gramática mediante uma apreciação discursiva, é mobilizada uma atividade em que se aborda uma história em quadrinhos (HQ's) da turma Xaxado, presente no livro didático *Diálogo: língua portuguesa*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Godinho.

Como forma de pontuar o lugar de onde se mobiliza o dizer materializado no gênero em questão, percebe-se a presença dos estudos linguísticos e psicopedagógicos, áreas de formação das respectivas autoras¹. Identificar as referidas áreas de conhecimento não implica

¹ No ano de publicação do livro didático em tela (2009), Eliana Lúcia Santos Beltrão fazia mestrado em Linguística na Universidade Federal da Bahia e lecionava Língua Portuguesa, Literatura e Redação na Educação Básica. Tereza Cristina S. Gordilho era especialista em psicopedagogia e desenvolvia a atividade de psicóloga na área educacional.

abordar a subjetividade das autoras, e sim demarcar um espaço de interdiscursividade proveniente do contexto sócio-histórico no qual se inscreve a forma-sujeito presente no processo de instauração de efeitos de sentido. Nesse contexto, depreende-se, enquanto materialidades sócio-históricas, a presença de um ambiente interdiscursivo cuja tendência é a de transcender os limites da normatividade (diante das formações discursivas nas quais se mobilizam as perspectivas linguísticas e psicopedagógicas), de modo a abordar a linguagem por um viés reflexivo e contextualizado.

A presença de uma HQ's publicada no *Jornal A tarde*, em Salvador/BA, no ano de 2004, já sinaliza para uma tendência linguística voltada a aspectos contextuais (linguísticos, sociais, históricos), tendo em vista algumas das características da turma do Xaxado criada pelo autor baiano Antônio Cedraz: personagens nordestinos, histórias ambientadas no interior da Bahia cujos diálogos são marcados pela variedade linguística dessa região. Na tirinha, dois personagens (um masculino e um feminino) desenvolvem um breve diálogo. No primeiro quadrinho, o personagem feminino faz a seguinte consideração: “Acho que o Zé vai me achar linda com esse vestido novo!”, consideração essa posta à prova com a seguinte indagação ao personagem masculino, no segundo quadrinho: “Oi, Zé, como estou?”. Nesse momento, o personagem feminino é representado graficamente a partir de um comportamento de pose, para ser apreciado. No terceiro quadrinho, a história se encerra com a resposta do personagem masculino: “Pareceno a estauta do jardim do artuzim! Posso brincá de estauta tomém?” (CEDRAZ apud BETRÃO; GORDILHO, 2009, p. 28).

Com a descrição do diálogo da tirinha, percebe-se um distanciamento da perspectiva normativa, na medida em que os textos canônicos dão lugar a um regionalista, marcado por uma variedade linguística distinta da forma-padrão. O contexto sócio-histórico, por sua vez, sinaliza para uma relação de instabilidade entre formações discursivas, tendo em vista a presença de uma variedade linguística tida como desprestigiada socialmente em um suporte textual (livro didático) historicamente marcado pela tendência normativa de abordagem da língua.

Essa instabilidade remete a uma mudança de percepção linguística, cuja convergência se dá do normativo ao científico, do teor prescritivo à reflexão contextual. É essa remissão que referenda a postura analítica de se observar, primeiramente, as relações discursivas voltadas a perspectivas linguísticas para, depois, identificar as lacunas que se

presentificam, demarcando a presença do Outro (da perspectiva normativa) nessa relação interdiscursiva.

2.1 Abordagem discursiva de questões de linguagem

Tomando-se por base a tirinha descrita, seguem-se, no livro didático, questões de linguagem que sinalizam ora para a reflexão acerca do texto apresentado, ora para relações gramaticais. Com a utilização de pressupostos da AD, serão analisadas algumas dessas questões, objetivando perceber as relações interdiscursivas que se encontram subjacentes para, então, identificar lacunas e/ou insuficiências que podem ser revistas em prol de um melhor aproveitamento da referida atividade.

Ao lado das questões, também aparece a seguinte informação: “A fala do personagem no último quadrinho é uma variedade do português que contém marcas da linguagem falada em algumas localidades ou regiões do país” (BETRÃO; GORDILHO, 2009, p. 29). Em uma FD voltada à perspectiva linguística funcional² – a qual será descrita como FD₁ ao longo da análise –, pode-se e se deve abordar a linguagem pelo viés da variedade linguística, atentando para o fato de que a língua é passível de apresentar diferentes ocorrências em distintos contextos de uso. Desse modo, percebe-se a postura de não abordar tais variedades mediante a relação de certo e errado, como se é concebido na abordagem prescritiva. Além disso, com a informação situada ao lado das questões, sinaliza-se para a diferença entre as modalidades oral e escrita da língua, destacando-se, assim, a heterogeneidade constitutiva da linguagem não apenas em gêneros que permeiam a mesma modalidade (“... marcas da linguagem falada em algumas localidades ou regiões do país”), mas também nas ocorrências da língua em modalidades distintas.

Iniciando-se a atividade, na primeira questão é apresentada a seguinte pergunta: “a) O que dá o tom de comicidade à tirinha?” (p. 29), remetendo ao processo de reflexão e compreensão de texto. Na leitura da tirinha, o efeito de sentido de comicidade se instaura a partir da impressão de transparência da linguagem. Num aparente estado de apagamento do contexto, da história, da ideologia, o humor é desencadeado como se já estivesse lá, como se fosse óbvio. No entanto, quando se reflete acerca do modo de instauração do efeito de humor,

² A demarcação de uma FD voltada à linguística funcional vai ao encontro de campos de estudo linguístico nos quais a linguagem é abordada, tomando-se por base as funções que desempenha nos diversos contextos sociais, políticos, históricos.

a resposta passa a não ser tão óbvia assim, já que há necessidade de se buscar respostas em elementos até então encobertos pelo efeito de transparência da linguagem: no contexto, na história, na ideologia. Desse modo, por um viés discursivo, compreender o humor significa abordar as condições sócio-históricas de produção do dizer, implica identificar, mediante a memória discursiva, os sentidos que dizeres como esse apresentam, as paráfrases possíveis, a relação metafórica própria do jogo da linguagem.

Nesse plano de análise, o dizer é passível de ser compreendido, em sala de aula, a partir de uma discussão acerca da prática de linguagem presente na tirinha. Em outras palavras, para se analisar o efeito de comicidade é preciso tratar das características do gênero em questão, da funcionalidade que o recobre, das práticas sociais que estão cristalizadas/simuladas no próprio texto. Na proposta de resposta do livro didático, é apresentado o seguinte enunciado: “A forma como Zé interpreta a intenção da personagem” (p. 29), o qual sintetiza boa parte do processo de compreensão textual, do trabalho de reflexão acerca da linguagem aliada ao contexto sócio-histórico a partir do qual emana.

Já na segunda questão, indaga-se “com que frase a personagem se dirige a Zé” e “qual forma verbal aparece nessa frase” (p. 29), solicitando-se a indicação do infinitivo do referido verbo. Apesar de as condições de produção do livro didático sinalizarem à instauração de uma FD voltada à linguística funcional, nessa questão se institui outra FD, a qual mobiliza a perspectiva normativa (FD₂). Isso porque, em um primeiro momento, a solicitação para se transcrever uma frase presente no texto remete à prática tradicional de cópia, comumente abordada no contexto prescritivo. No segundo momento, a instrução para se determinar o infinitivo do verbo que ocorre na frase também aponta para uma posição normativa, a partir do momento em que há orientação para se identificar um elemento linguístico mediante um posicionamento técnico, sem se fazer remissão ao funcionamento do termo no texto.

Diante da FD₁, a função da linguagem no contexto em que é mobilizada passa a ter predominância sobre a prescrição. A abordagem do verbo, nessa perspectiva científica da linguagem, demanda uma reflexão sobre a função que esse elemento linguístico desempenha no texto, de modo a serem compreendidas as estratégias parafrásticas para sua substituição, bem como outros efeitos de sentido passíveis de ocorrer em diferentes contextos. Nesse caso, a relação entre paráfrase e polissemia do verbo em tela passa a ser um caminho para se refletir acerca da instauração do humor na tirinha.

O jogo de paráfrase e polissemia, por sua vez, passa a ser concebido na terceira questão, ao se solicitar a produção de frases, com o verbo ser, “que revelem como a personagem estava se sentindo nas situações” em que se encontra com o outro personagem e em que conversa com ele (p. 29). Essa atividade apresenta aspectos funcionais, por se buscar a dinâmica que reveste a linguagem no momento em que é materializada no contexto de uso. Além disso, para a AD, “a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica dessas sequências constitui o que se poderia chamar de ‘matriz do sentido’” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 169).

Como propostas de resposta, apesar de se sugerir que a resposta seja pessoal, apresentam-se os seguintes pares de frases, respectivamente voltadas às situações descritas: “A menina estava feliz. / Ela estava alegre”; “A menina estava decepcionada. / Ela estava triste”. Depois, é feita a seguinte pergunta: “Que tipo de predicado denomina as orações que você elaborou? Por quê?”, seguindo-se da seguinte proposta de resposta: “Predicado nominal, porque as orações indicam e caracterizam o estado em que o sujeito se encontra naquele momento na narrativa” (p. 29).

Nessa última parte da terceira questão, frases ideais são apresentadas ao professor, as quais se articulam também com uma resposta ideal para a caracterização do tipo de predicado que caracteriza os dizeres dos alunos. A propriedade de se mobilizar uma posição ideal em detrimento da real marca a perspectiva normativa, o que faz com que a FD₁ e a FD₂ permeiem o espaço da atividade, criando, assim, uma instabilidade relacionada ao estabelecimento de um processo normativo ou contextualizado. Como o trabalho de gramática em sala de aula pressupõe a apresentação de respostas por parte do aluno, as frases ideais, por exemplo, remetidas à primeira situação na tirinha (A menina estava feliz / Ela estava alegre), podem dar lugar, em um contexto real de processo de ensino/aprendizagem, a frases que contenham um advérbio posposto ao verbo, no lugar do adjetivo, como esta: *Ela está bem*. Nessa situação, ao se abordar a predicação mediante a perspectiva normativa, a presença do advérbio tende a descredibilizar a proposta de resposta para o tipo de predicado. Desse modo, a instabilidade interdiscursiva pode provocar certos entraves e causar contradições no trabalho de gramática proposto.

Diante da análise dessas questões, torna-se possível apresentar algumas reflexões discursivas acerca das lacunas e/ou inconsistências presentes na atividade abordada. O propósito é utilizar resultados dessa pesquisa para, assim, poder apresentar possíveis

contribuições ao trabalho de gramática e texto, oriundas da mobilização da AD no contexto de ensino.

2.2 Por uma reflexão discursiva

Diante da apreciação de algumas propostas de abordagem de texto por um viés discursivo, possibilita-se compreender parte da relação existente entre diferentes perspectivas, instauradas por meio de distintas FD's. Nesse jogo interdiscursivo, ocorre uma instabilidade que, em certos momentos, tende a prejudicar a propriedade do trabalho com texto em sala de aula. Dessa forma, é relevante projetar uma reflexão discursiva, de modo a sinalizar certas inconsistências e propor meios de direcionar as questões em prol de um estudo mais contextualizado do texto e da gramática.

Ao se retomar a orientação disposta ao lado das questões, segundo a qual o dizer mobilizado pelo personagem masculino no último quadrinho apresenta marcas regionais, percebe-se a condição que o texto apresenta de ser abordada a variedade linguística, em conjunto ao contexto sócio-histórico em que esse tipo de variedade ocorre. Permeando o ambiente discursivo da FD₁, a passagem da condição de certo/errado para adequado/inadequado, na abordagem da linguagem, favorece a apresentação de um panorama heterogêneo do qual se reveste a língua, dando condição, ao professor, de sinalizar contextos em que grafar as palavras de acordo com a ortografia oficial se torna adequado ou inadequado (afinal de contas, utilizar uma linguagem ortograficamente “correta” em um texto regional pode não surtir o efeito esperado!). Por esse caminho, pode-se inclusive partir para uma abordagem sobre a questão do preconceito linguístico, contribuindo, com isso, para o desenvolvimento de uma postura cada vez mais reflexiva por parte do aluno.

Já no momento em que se questiona a ocorrência da comicidade na tirinha, instaura-se uma proposta de resposta que silencia vários elementos sócio-históricos relevantes para a constituição do efeito de sentido de humor. Afirmar a presença do humor pela forma com que um personagem interpreta a intenção do outro implica deixar algumas lacunas: Qual a intenção do personagem feminino? De que modo o personagem masculino compreende o dizer? Qual o papel da linguagem na constituição do efeito de sentido de humor? Que representatividade os personagens têm para o leitor? Essas indagações representam apenas uma pequena parte das relações que podem ser discutidas, refletidas, na busca pela compreensão de como a comicidade é instaurada na tirinha.

Para tanto, antes de mais nada, é preciso partir para o estudo das características do próprio gênero das HQ's. Para Pêcheux (1995, p. 160), aquilo que pode e deve ser dito, remetido a uma determinada FD, é “articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa”. Em outras palavras, todo dizer emana de um lugar social e, com isso, está articulado a um gênero discursivo, o que leva a crer na abordagem mais eficiente da linguagem quando se conhece a funcionalidade do gênero analisado, quando são abordadas as características que o estabilizam. Apesar disso, em nenhum momento da atividade (nem ao menos antes dela!) são discutidas as peculiaridades das HQ's.

Com o estudo do gênero em questão, os próprios alunos, pela prática de leitura, poderão perceber uma das funcionalidades que comumente marca as HQ's: entreter, mobilizando o humor. Além das marcas textuais, as relações imagéticas, a criação de estereótipos, também contribuem para a instauração do efeito de sentido. Sobre isso, Possenti (2002, p. 158) salienta:

(...) os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como sendo o(s) outro(s) para algum grupo. Mas, eventualmente, essa relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada -, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade.

Refletir, portanto, acerca da criação de estereótipo que, muitas vezes, apresenta o nordestino como um ser pitoresco, que não compreende muito bem as “intenções” apresentadas em uma linguagem cotidiana, é um caminho mais desafiador – e, talvez por isso, menos óbvio – para uma proposta de compreensão de texto. Aliando-se a isso, a própria linguagem utilizada pode ser mobilizada na instauração do humor, sem que haja necessidade de se recorrer a questões subsequentes em que a gramática é abordada de maneira descontextualizada. Na própria pergunta do personagem feminino, “Oi, Zé, como estou?” (p. 29), o verbo estar, juntamente com a representação gráfica em que se apresenta no texto multimodal, indicam dois planos de resposta: um voltado ao comportamento estático do personagem, que o faz parecer uma estátua; e outro, à beleza, devido ao vestido novo que está usando.

Na leitura dos dois planos, ao primeiro, menos óbvio, pode ser sobreposto o segundo plano de leitura, a partir da apreciação do contexto da própria história na tirinha, utilizando-se

para isso a relação entre os três quadrinhos. As duas predicções estariam propícias a serem discutidas de modo contextualizado, abordando os dois efeitos de sentido que se estabelecem. Isso porque, mesmo havendo um majoritário, vinculado a uma FD que, na relação interdiscursiva, se estabelece como dominante num todo complexo, o Outro é necessário para a instauração da comicidade. Para Pêcheux (1995, p. 162), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Desse modo, sem a presença do efeito de equívoco, não haveria a instauração do humor, percebido mediante a impressão de transparência da linguagem.

A abordagem da predicção pelo contexto que se estabelece para a constituição da tirinha passa a ser uma estratégia mais eficiente do que propor a construção de frases cujo objetivo é o de unicamente estabelecer exemplos para o predicado nominal. O trabalho de construção de frases ideais, como se observou anteriormente, tende, em um ambiente real de elaboração de texto, a comprometer a expectativa do professor, deixando-o sem instruções sobre como proceder nesses casos. No lugar de solicitar a elaboração desses dizeres de modo descontextualizado, torna-se relevante propor a construção textual a partir de um dado gênero discursivo cuja característica seja a de poder utilizar uma materialidade linguística que se estruture por predicados nominais.

Um projeto de elaboração de HQ's, considerando não só a produção, mas inclusive a funcionalidade do texto a ser produzido, poderia se incorporar ao trabalho de gramática em sala de aula, tornando o ambiente escolar propício à leitura e à produção textual. Dessa forma, a gramática pode ser mobilizada não como um amontoado de termos técnicos que são decorados e logo esquecidos, mas como um elemento fundamental para a compreensão de como se aproximar ao máximo dos efeitos de sentido que se materializam no texto.

CONCLUSÃO

Ultimamente os livros didáticos de Língua Portuguesa vêm apresentando uma diversificação de gêneros para ser mobilizada em sala de aula, o que ratifica a necessidade de aproximar o aluno ao contexto de uso da linguagem. Diante dessa heterogeneidade, os propósitos continuam a ser o trabalho de interpretação textual e de compreensão da gramática.

Apesar dessa tendência à contextualização e à atividade reflexiva, os textos vêm sendo abordados como meio para a afirmação do óbvio (a tomar pela solicitação de se reproduzir a frase utilizada por algum personagem) e como um pretexto para o ensino normativo da gramática. Com a postura de serem mobilizados textos que circulam na sociedade para insistir na prática descontextualizada de ensino, a tendência é a de persistirem os mesmos resultados que sinalizam para a necessidade de uma mudança de postura no ensino de Língua Portuguesa.

Tal mudança, por sua vez, deve partir de quem está mais próximo da realidade de sala de aula, de quem compreende de fato os desafios para capacitar alunos no exercício crítico de compreensão de texto e de gramática. Para isso, uma alternativa é a de conduzir as atividades docentes, adaptando os materiais a serem apreciados pelos alunos. Nesse caso, a reflexão discursiva pode auxiliar na identificação de potencialidades e insuficiências, o que possibilita, por um lado, aproveitar as potencialidades do livro didático e, por outro, realizar as devidas adaptações para tornar o processo de ensino/aprendizagem cada vez mais proficiente.

Diante da emergência em serem propostas alternativas para o ensino de Língua Portuguesa, este se tornou o desafio traçado no presente artigo: apresentar a teoria na prática. A reflexão realizada deve ser concebida não como um trabalho acabado, ou uma receita para o professor; mas como um possível caminho para se pensar na adequação de materiais à perspectiva de contextualização do texto, da linguagem e da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Eliana Lúcia Santos; GORDILHO, Tereza Cristina S. **Diálogo**: língua portuguesa, 8º ano (Manual do professor). São Paulo: FTD, 2009.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP. Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.



Direitos Humanos, Ética e Dignidade

18 a 24 de outubro de 2015

PÊCHEUX. M & FUCHS C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET. F & HAK T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2002.